

## A GRANDE JORNADA DE GUMERCINDO SARAIVA, O NAPOLÃO DOS PAMPAS<sup>1</sup>, NA REVOLUÇÃO FEDERALISTA DE 1893

Ernani da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** A Revolução Federalista de 1893 ocorreu no período pós-proclamação da República brasileira que marcou a disputa da hegemonia política do estado do Rio Grande do Sul pelas agremiações lideradas por Júlio Prates de Castilhos e Gaspar Silveira Martins. Pelo dissenso dos dois líderes políticos o estado gaúcho se viu assolado por ignominiosa guerra civil que espalhou no território sulino barbárie e sofrimento, onde se destacou a coluna federalista de Gumercindo Saraiva cujo deslocamento se transformou numa epopeia e numa saga heroica por ter marchado sobre três estados da federação, consagrando-o como o “Napoleão dos Pampas”, alcunha para o qual passou aos anais da história gaúcha. Este ensaio procura demonstrar a abnegação de Gumercindo Saraiva que transformou a marcha de pseudos soldados mal equipados e maltrapilhos numa verdadeira saga mítica, servindo de propósito a fomentar o imaginário popular.

**Palavras-chave:** Rio Grande do Sul; Revolução Federalista; Gumercindo Saraiva.

**Abstract:** The Federalist Revolution of 1893 took place in the period after the proclamation of the Brazilian republic that marked the political hegemony of the dispute in the state of Rio Grande do Sul by associations led by Júlio Prates of Castillos and Gaspar Silveira Martins. Dissent by political leaders of both the state found itself plagued by gaucho ignominious civil war that spread within southerner barbarity and suffering, where he excelled column Federalist Gumercindo Saraiva whose displacement has become an epic saga and a heroic for having marched about three states federation, establishing it as the "Napoleon of the Pampas", nickname for which passed into the annals of history gaucho. This essay seeks to demonstrate selflessness Gumercindo Saraiva who transformed the march pseudo soldiers ill-equipped and ragged a true mythic saga, serving the purpose of promoting the popular imagination.

**Keywords:** Rio Grande do Sul; Federalist Revolution; Gumercindo Saraiva.

### Introdução

A Revolução Federalista se traduziu num movimento armado ocorrido no Rio Grande do Sul no triênio de 1893 a 1895, logo após a proclamação da República brasileira de 15 de novembro de 1889, quando dois projetos políticos disputaram a hegemonia da condução do Estado. A revolução irrompeu como consequência da ruptura da forma de governo monárquica para a republicana. Os dois projetos políticos antagônicos que disputaram a herança da monarquia consubstanciavam-se no ideal

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Especialista em Gestão Pública pela IMED, Passo Fundo; Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF).

republicano Commtinsta<sup>2</sup> defendido por Júlio Prates de Castilhos e a república parlamentarista liberal apregoada por Gaspar Silveira Martins.

Os líderes políticos das duas agremiações, ante a incapacidade de promoverem a concórdia na disputa do poder do estado, acabaram por patrocinar um espetáculo horrendo, sanguinário e cruel que passou para a história como uma guerra civil fratricida marcada pela “gravata colorada<sup>3</sup>”. Vários fatores concorreram para o espetáculo ignominioso, destaca-se, dentre eles, o projeto de Júlio de Castilhos em estabelecer no estado a república científica nos moldes propugnados pela Revolução Francesa, que acabou redundando numa ditadura. Por seu turno, a ruptura política de 15 de novembro de 1889 desalojou do poder as oligarquias dominantes representadas por Gaspar Silveira Martins, tidas como viúvas legítimas do estamento patrimonial de governo estabelecido pela Monarquia (FAORO, 1984), pelo qual, a partir de então, passaram a empreender forte oposição ao projeto republicano sendo sistematicamente acusados e perseguidos por seus adeptos sob o argumento de quererem restaurar a monarquia parlamentar para manter o *status quo* do privilégio estamental.

No embate político a questão econômica, a qual efetivamente representava a real motivação da disputa pelo poder provincial, ficava subjacente. Na época, a economia gaúcha estava em franco declínio, porque baseada exclusivamente na agropecuária e na indústria do charque (PESAVENTO, 1983). O charque gaúcho, principal produto da economia sulina, abastecia as grandes fazendas do centro do país servindo de base da alimentação da mão-de-obra escrava e com a abolição do elemento servil o produto não encontrou mais mercado consumidor, sendo frequentemente substituído pela concorrência desleal da produção platina uruguaia que entrava no país a preços mais baixos, sem que houvesse legislação tributária protecionista que regulasse a importação. Somado a isso, subsistia a delicada questão da regulação do contrabando na região de fronteira e a legitimação da posse das terras na região serrana, recebendo ampla complacência dos detentores do poder constituído. Consequentemente a agremiação que detivesse a posse dos cargos políticos da administração da província e dos municípios possuía o domínio dessas questões econômicas, moldando-as conforme o seu interesse. Por outro lado, detendo o poder político e o poder econômico consolidava também a supremacia sobre as camadas populacionais carentes - de toda sorte - formando no seu entorno currais eleitorais, firmando-se como classe e oligarquia, a exemplo dos estancieiros da região da fronteira e dos coronéis que na grande guerra se transformaram em caudilhos.

Estabelecidos os elementos de disputas, a partir de 1891 ascendeu ao poder no Rio Grande do Sul o partido republicano liderado por Júlio Prates de Castilhos. Nesse primeiro período o estado gaúcho viveu momentos de anarquia marcados por sucessivos e malgrados governos. Num curto espaço de tempo as disputas pelo poder e as perseguições mútuas se acirraram, renunciando a revolução civil. Descontentes, “apeados” do poder e perseguidos frequentemente pelos republicanos, os federalistas liberais acabaram por se exilar no país vizinho Uruguai e na Argentina, tendo alguns imigrando para o Estado de Santa Catarina. Os exilados na banda oriental uruguaia, privados de toda sorte de subsistência (ESCOBAR, 1920), articularam a insurreição liderados por Gaspar Silveira Martins. Martins obteve apoio de simpatizantes da monarquia angariando os recursos necessários para aparelhar o levante armado fora do país.

Do Uruguai os federalistas não vislumbravam outra saída senão promover a invasão e iniciar a revolução para tentar restaurar suas antigas posições como forma de sair da condição de penúria que se encontravam (ESCOBAR, 1920, fl. 149). Villaba (1897) afirma que a primeira invasão ocorrera em 02 de fevereiro a 10 de agosto de 1893; Escobar (1920) relata que a invasão geral fora marcada para 05 de fevereiro; Sêga (2004), descreve a primeira invasão ocorrida em 2 de fevereiro de 1893, quando um grupo de federalistas vindos do Uruguai tomaram de assalto a cidade de Bagé. As tropas federalistas constituíram-se basicamente de estancieiros da campanha gaúcha com seus homens, na maioria civis, ex-liberais, ocupantes de postos e/ou cargos políticos municipais do período imperial, invariavelmente desprovidos de recursos materiais formando um pseudo exército maltrapilho.

Esse era o prelúdio da invasão federalista ao Rio Grande do Sul, iniciado pela fronteira do Uruguai, quando Gumercindo Saraiva iniciou a sua saga de atravessar três Estados da federação brasileira propugnando o ideal do exército libertador federalista, transformando-se na epopeia da grande marcha da coluna de Gumercindo Saraiva descrita por Dourado (2011).

### **A Invasão de Gumercindo Saraiva**

No decorrer da Revolução várias foram as invasões dos insurgentes federalistas. A primeira - segundo relato - ocorrera de 02 de fevereiro a 10 de agosto de 1893, quando um bando de 600 federalistas comandados por Gumercindo Saraiva e Vasco Martins transpuseram a linha divisória da fronteira e acamparam em Aceguá. À

invasão seguiu-se a conclamação escrita pelo líder federalista Joca Tavares, dirigida ao povo rio-grandense, para “pegar em armas”. Na localidade de Salsinho se deu o primeiro combate com as tropas republicanas, tendo o General Joca Tavares assumido o comando dos revolucionários na localidade denominada “Carpintaria”:

A prematuridade deste primeiro feito de armas arrastou o venerando general Joca Tavares á luta. Assumindo a chefia das tropas revolucionarias no sitio denominado Carpintaria e reunido a Gumercindo, viu-se cercado por um contingente de cerca de 1.300 homens das tres armas commandados pelo coronel Arthur Oscar que tomou as posições do Rio Negro, S. Luiz e Pirahy. Com admiravel habilidade, evitou o chefe revolucionario um combate desigual e operou um rapido movimento sobre D. Pedrito. A 19, foram atacadas as forças legalistas no passo do Rocha e, por fim, o combate da Lagôa Branca, a 10 leguas de Alegrete, abriu aos federalistas as portas daquela cidade. (VILLABA, 1897, p. LVII).

Após esse acontecimento a coluna de Joca Tavares dirigiu-se à sitiada cidade de Sant'ana do Livramento na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, acoçada pelos rebeldes desde 20 de fevereiro, de modo a completar o cerco. Em socorro a Livramento o general republicano João Telles deslocou-se de Bagé na mesma época em que Joca Tavares começou a atacar outros pontos da Fronteira. Nesse tempo outros grupos de federalistas passaram também a acometer a cidade de Alegrete, derrotando o Coronel Santos Filho que se deslocara de Cacequy à frente de uma guarnição civil republicana. O revés lhe foi imposto pelos chefes federalistas Prestes Guimarães e Laurentino Pinto. Esse episódio do Alegrete ficou marcado pelas atrocidades cometidas pelos federalistas.

Na barra de Quarai, fronteira uruguaia, os rebeldes receberam do comitê revolucionário sediado em Montevidéu, Uruguai, o armamento para equipar o levante. A partir de então, assumiu o comando da revolução o Coronel Salgado, dissidente das fileiras do governo republicano<sup>4</sup>, aderindo também outro dissidente do grupo republicano gaúcho, Barros Cassal. Para fazer frente a essa invasão, o general José Gomes Pinheiro Machado passou a comandar a divisão do Norte republicana na batalha de Inhanduhy. A divisão era sediada na região missioneira sob o comando do general Francisco Rodrigues Lima, a qual se somava também a divisão do batalhão do comandante Arthur Oscar. Essa junção de forças formou e passou para a história como a temida “Divisão do Norte” que perseguiria implacavelmente os revoltosos federalistas, sobretudo a coluna guerrilheira de Gumercindo Saraiva. Uruguaiana era a sede republicana da coluna do General Hypólito, compondo também as forças que faziam frente aos rebeldes. O Coronel João Telles igualmente se somaria às forças legais obrigando os federais Joca Tavares e o General Salgado a manterem-se internados no

território uruguaio. Gumercindo Saraiva nesse cenário sobressaia-se pela sua bravura, astúcia e competência guerrilheira adentrando no interior do Rio Grande do Sul alcançando Caçapava, sendo sistematicamente perseguido pelos generais Rodrigues Lima e Pinheiro Machado (VILLALBA, 1897).

A par dos combates em terra, sucedeu no porto da capital do Estado, Porto Alegre, a tomada do navio vapor Itália por um grupo de revolucionários na madrugada de 8 de julho de 1893. Esse navio carregava grande quantidade de armamentos, munições e fardamento destinado a abastecer as tropas do governo republicano em Porto Alegre. O vapor fora levado pelos rebeldes à barra e lá entregue com a sua carga ao dissidente almirante da armada Eduardo Wandenkolk, como parte do plano empregado para tomada de Porto Alegre. Esse acontecimento se tivesse obtido êxito daria corpo ao movimento revolucionário que se desenvolvia em terra, especialmente pelas armas apreendidas que serviria para melhor equipar as tropas federalistas. No entanto esse objetivo não se concretizou porque o vapor República havia saído ao encalço do Júpiter - sob o comando do Almirante Wandenkolk – quando foi apreendido e aprisionado o seu comandante no dia 13. Essa empreitada representou a primeira repressão à revolta da armada encetada pelos membros do clube naval no Rio de Janeiro, que concomitantemente eclodira junto com a revolta Federalista.

A segunda invasão transcorreu de 10 de agosto de 1893 a 10 de agosto de 1894, quando o General Salgado transpôs a coxilha do Haedo juntando-se às forças de Gumercindo em Lavras, para em seguida travar a batalha do Cerro do Ouro (VILLALBA, 1897). Esse episódio ficou marcado pelas divergências entre Salgado e Gumercindo na condução da revolução, que para o futuro da revolução teria grandes consequências:

Depois da acção do Cerro do Ouro muito se accentuaram as desintelligencias entre Gumercindo e Salgado as quaes posteriormente mais se agravaram com a resolução daquelle em abandonar o Rio Grande para operar de commum acôrdo com a gente da esquadra; as forças de cada um destes caudilhos manifestavam igualmente divergencias até nas divisas. As de Salgado usavam-nas vermelhas e brancas eram as que traziam os soldados de Gumercindo. A falta de cohesão que bem cedo começou a preponderar na identificação dos principios politicos, logo surgiu em detrimento do triumpho das idéas. Foi assim que já divididos deixaram de acceitar combate com a columna do general Bacellar que impassivel assistiu ao desfilamento das tropas rebeldes; foi assim que a retaguarda de Salgado ao atravessar o rio Ibicuhy, no passo do Mariano Pinto, soffreu tremenda derrota. (VILLALBA, 1897, p. LXVI)

As duas forças federalistas em razão dos desentendimentos entre Gumercindo e Salgado restaram separadas, sofrendo sempre a perseguição dos

republicanos governistas, notadamente pela temida divisão do norte de Rodrigues Lima e Pinheiro Machado que não lhe davam tréguas, obrigando os revolucionários a marchas forçadas e ao sustento de pequenas guerrilhas como forma de combate.

### **A marcha de Gumercindo Saraiva**

Com o advento da separação da coluna do General Salgado, Gumercindo Saraiva iniciou a marcha que o consagrou como grande expoente da Revolução de 1893. Sua coluna atravessou os três estados do sul do país com o objetivo de integrar-se à Revolução da Armada em andamento no Rio de Janeiro, tendo sido instalado em Nossa Senhora do Desterro – atual Florianópolis - o governo provisório revolucionário. O início da marcha de Gumercindo Saraiva assim se resume:

Passando por Cruz Alta, chegou a 12 de outubro em Carasinho, a 13 passou em Passo Fundo, a 16 em Mato Castelhana onde se travou um combate entre a gente de Chachá Pereira e a de Juca Tigre com vantagens para este, a 18 em Mato Portuguesez, a 19 na Lagôa Vermelha, a 21 na Vaccaria, a 25 em Bomfimm e por fim a 7 de novembro, tendo atravessado o rio Pelotas no passo da Cadêa, pisava em território catarinense, onde os revoltosos tinham o seu governo provisório. (VILLALBA, 1897, p. LXVII).

Ganhando as terras catarinenses a coluna federalista de Gumercindo passou por Lages, Curitiba, Blumenau, Itajaí e, por último, a Joinville quando chegou a 10 de novembro de 1893, sempre empreendendo fortes batalhas nas localidades onde passava. Em Joinville, juntou-se com os revoltosos da armada partindo para o Paraná para tomar Curitiba e seguir a São Paulo. Na localidade da Lapa-Paraná encontrou as forças republicanas do General Carneiro e se viu sitiado pelas tropas governistas do norte e do sul. Com grande ímpeto, entretanto, os federalistas tomaram a cidade da Lapa fortalecendo seu objetivo de prosseguir em direção a São Paulo (LOPEZ, 2005). Porém, em face da forte resistência das forças republicanas bem mais aparelhadas e equipadas, Gumercindo Saraiva encontrou-se isolado sendo obrigado retornar ao solo rio-grandense, sobretudo porque sua coluna militar não possuía as condições adequadas de sustentar a revolução, pois carente de toda sorte de material (remédios, suprimentos, fardamento, armamento, cavalos e munição), fator que o impedia de prosseguir a São Paulo.

O cerco da Lapa revelou-se decisivo para as pretensões revolucionárias de Gumercindo. Nela o Coronel Carneiro exerceu brava resistência às suas investidas e as dos demais grupos federalistas<sup>5</sup>:

O sítio da Lapa continua. O Coronel Carneiro oferece uma resistência heroica. Em um dos combates morreu um oficial de marinha de nome Cotrim. [...] Gomercindo resolveu atacar a Lapa mesmo em suas trincheiras;

é provável que tenhamos muitos mortos e feridos, e por isso sigo hoje para lá em trem expresso. (DOURADO, 2011, p. 160).



Figura: 1 – Combatentes republicanos do cerco da Lapa. 17 de Janeiro de 1894.

O evento foi significativo para o futuro da revolução. Quando Gumercindo empreendeu sua marcha atravessando o Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina com destino ao Desterro, seu principal objetivo era juntar as forças de terra com as forças de mar, representadas pela armada que se insurgira na Guanabara, e de lá prosseguir ao Paraná para tomar Curitiba, cidade de posse do governo republicano de Floriano Peixoto, para posteriormente alcançar o Estado de São Paulo. Os insurretos acreditavam que se tomassem aquela cidade o seu objetivo maior de tornar a revolução uma dimensão nacional se concretizaria. No entanto, encontraram uma sólida resistência na Lapa organizada em Curitiba pelos governistas:

[...] a estratégia militar das forças combatentes mostrava que a coluna de Piragibe, reforçada de contingentes da Armada sob o comando dos tenentes Torelly e Perry e dos contingentes federalistas de Juca Tigre e Torquato Severo, seguia na vanguarda, entrando no Paraná. Gumercindo deixaria parte de sua tropa sitiando Tijucas e o restante fazia a retaguarda de Piragibe. Os governistas organizavam, em Curitiba, uma brigada que marcharia para Santa Catarina e tentaria cortar a retaguarda da coluna de Piragibe, enquanto outro contingente atacaria pela frente. A divisão do Norte, de Pinheiro Machado e Rodrigues Lima, atacaria a retaguarda das forças de Gumercindo. Atingindo esses objetivos, os federalistas seriam fracionados em dois segmentos, sob três frentes do combate. (LOPEZ, 2005, p.165).

Tomada de assalto pelas tropas federalistas, com grandes baixas de lado a lado, a cidade paranaense ficou sob o controle dos federalistas. Em seguida, após deixar

a localidade sob o comando do médico Ângelo Dourado, os revolucionários partiram em direção a Curitiba, o que só se tornou possível graças à condescendência do comandante do 5º distrito militar, Pego Junior, que proporcionou a fácil ocupação curitibana. Segundo relato, Pego Júnior poderia facilmente ter emborcado as tropas federalistas em Morretes-Paraná porque dispunha de homens e armamentos suficientes para essa empreitada. O que se sucedeu, no entanto, foi o abandono à própria sorte por parte deste comandante das armas e do comando do distrito, tendo este se retirado para São Paulo e posteriormente à capital federal (VILLALBA, 1897).

Gumercindo, cômico do êxito da sua jornada, preparava-se para reiniciar a marcha sobre São Paulo rumo à capital da República. Porém, o governo de Floriano Peixoto tratou de reprimir a ofensiva:

De posse do Paraná e S. Catharina preparavam-se os federalistas para empregar dessa fôrma a invasão do Estado de S. Paulo, quando tratou o governo de enviar por terra um corpo de exercito de 5,800 praças, composto de 2 divisões, 4 brigadas, e commando geral de artilharia, o qual deveria operar naquelles Estados, iniciadas as operações por *Itararé*, em demanda do interior do Paraná. Desta localidade o dr. Vicente Machado dirigiu um manifesto aos paranaense (Doc. n. 131) e o commandante da divisão ante de proseguir nas operações egualmente se dirigiu a seus concidadãos. (VILLALBA, 1897, p. CXVIII).

Na análise contextual de Lopes (2005), os fatos que determinaram a expulsão dos federalistas do Paraná foi os vinte e nove dias de cerco à Lapa e os dois meses em que os federalistas permaneceram em Curitiba para descansar e refazerem-se materialmente. Isso permitiu ao governo de Floriano Peixoto se reorganizar mobilizando recursos para expulsá-los dos estados paranaense e catarinense. Afirma também que as causas do retorno dos revoltosos ao solo gaúcho sem alcançar São Paulo se deu em razão do erro na estratégia, na resistência “monumental” do Gal. Carneiro na Lapa, a defecção do comandante Salgado, da armada, permanecendo estático em Laguna-SC e o seu conseqüente retorno ao porto de Rio Grande-RS, negando-se a invadir o Paraná junto com Gumercindo; Villalba (1897) credita os fracassos dos federalistas à investida das tropas governistas em defesa do “pavilhão nacional” que, nas suas palavras, “fora ultrajado”, à discórdia e os desentendimentos dos chefes federalistas que se agravaram após os insucessos na cidade de Rio Grande, referindo-se ao malogro da tomada daquela cidade por parte de Custódio de Mello a mando de Gumercindo (LOPEZ, 2005), o abandono dos navios e fortalezas que se achavam em poder do Almirante Saldanha da Gama na baía do Rio de Janeiro e a imobilidade a que ficou reduzida a embarcação Aquidaban depois do combate no porto do Desterro. Essas



causas teriam concorrido para a recondução das autoridades republicanas, anteriores à revolta, aos cargos administrativos do Estado paranaense, frustrando a investida federalista.

Após a conquista da cidade da Lapa no Paraná, considerada a última resistência legalista ao prosseguimento dos revolucionários federalistas para invadir o estado de São Paulo, o governo federal tratou de enviar por terra grande efetivo militar composto de 5800 praças, formando duas divisões e quatro brigadas, para dissipar a organização revolucionária buscando a retomada do controle do estado paranaense. Ao saber disso, Gumercindo Saraiva resolveu abandonar o campo de batalha conquistado, percebendo que seria inútil resistir, porque dispunha de poucas condições materiais de sustentar os combates, encontrando-se abandonado à própria sorte. Por essa razão toma a difícil decisão de regressar ao Rio Grande do Sul antevendo eventual derrota do levante, supondo que adentrando no solo gaúcho poderia refugiar-se nos países limítrofes para recompor-se futuramente (VILLALBA, 1897).

Não restava alternativa. As forças revoltosas iniciaram o penoso regresso ao solo gaúcho a fim de recomporem-se para tentar dar novo ânimo à revolução, acossadas pelas tropas governistas, vindas do centro do país estacionadas em Castro-PR, e pela retaguarda pela Divisão do Norte, que esperava na travessia do Rio Uruguai na divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina. A essa época, e considerando o desenrolar dos fatos, Gumercindo inspirado no exemplo do que representou a revolução farroupilha de 1835 já aventava a possibilidade de secessão do Rio Grande do Sul do resto do país como forma de manter aceso o seu ideal libertador.

As forças revolucionárias foram divididas por Gumercindo e os demais chefes federalistas em três colunas para atravessar os Estados sul-brasileiro, estabelecendo Nonoai, em solo gaúcho, como ponto de reunião para o fim de enfrentarem a resistência da Divisão do Norte que os esperava e guarnecia a região serrana de Passo Fundo e Cruz Alta. A primeira coluna ficou sob o comando de Aparício Saraiva e Torquato Severo; a segunda a cargo de Juca Tigre e Vasco Martins e a terceira, sob o comando do próprio Gumercindo Saraiva.

Em Campos Novos, na divisa do Estado catarinense com o Rio Grande do Sul, após manobra de desvio do ponto de encontro anteriormente marcado em face da resistência lá estabelecida, o líder maragato juntou o seu efetivo à coluna de Aparício Saraiva atravessando o caudaloso Rio Pelotas alcançando em seguida os campos da Vacaria no Rio Grande do Sul. Agrupadas, as colunas marcharam a Passo Fundo para se

juntarem aos correligionários de Prestes Guimarães. Entretanto a divisão do Norte, do general Rodrigues Lima, mantinha-os sob implacável perseguição. Inúmeros combates foram travados desde Barracão, na divisa com Santa Catarina, na margem do arroio Forquilha, até os campos abertos das vacarias, impondo grandes perdas e sacrifícios aos federalistas. A partir desse ponto os revoltosos juntaram-se aos combatentes de Prestes Guimarães e marcharam rumo a Passo Fundo onde se deu os embates do Umbu e Mello na localidade de Pulador.

A coluna revolucionária de Gumercindo Saraiva atravessou a cidade de Passo Fundo no dia 26 de junho de 1894 acompanhado do líder maragato local Prestes Guimarães e de seus simpatizantes. Desfilaram pela atual Avenida Brasil ao som de música e saudações, indo pernoitar na localidade de Pinheiro Torto (GUIMARÃES, 1987, P. 53). No desenrolar dos acontecimentos, os primeiros combates ocorreram no Umbu quando as tropas republicanas encetaram um recuo estratégico para perto da fazenda dos Mello, protagonizando no dia 27 a histórica batalha do Pulador.

Findo o combate do Pulador, Gumercindo juntou-se a Prestes Guimarães no local denominado “Veado Pardo”. A aproximação foi feita pelo arroio Teixeira, atravessando o Campo do Meio e entrando na serra pela estrada da Guabiroba buscando o rumo de Soledade para alcançar a região da fronteira. Entretanto, a Divisão do Norte Republicana, embora com grandes baixas, permanecia em seu encaço. O Coronel republicano Salvador Pinheiro, em telegrama, assim descreve a retirada de Gumercindo Saraiva:

Dia 29. – Segui até o Passo onde obtive as seguintes informações seguras: Hontem de madrugada Gumercindo e Prestes, com 200 homens, seguiram fugitivos à rumo de Soledade. Aquelle, indignado por ter perdido muitos officiais como Cezario Saraiva, major Sanches, [...] o célebre coronel Juca Borges, chefe da Soledade, degollador do capitão Procópio e mais 24 companheiros nossos, e que era o terror da Soledade [...] o coronel Colombo Leoni, commandante do batalhão polaco; Apparicio Saravia que foi baleado na virilha, era quem andava no serigote e escapou-se por estar perto do mato. Passaram hontem em completa debandada os miseráveis pelo Passo Fundo, a pé, desanimados, entrenhando-se no matto em todas as direcções. Calculo o prejuízo em mil maragatos. Continuo a affirmar que, em vista do que verifiquei, estropiados e magríssimos, não podem sair campo a fora. Não tem munição. Coragem exgottou-se. Continuamos a encontrar muitos mortos pela estrada; neste momento achamos oito. Tomaram uma lição de mestre. Gomercindo diz que nunca soffreu desastre tão bárbaro. Abraço-vos. – Coronel Salvador Pinheiro (CARVALHO, 1895, p. 234).

Seguido ao combate do Pulador, às três horas da manhã a coluna federalista pôs-se a marchar, passando pelo rio além do Veado Pardo, onde saía uma estrada que vinha do Campo do Meio. A tropa não havia comido ou dormido durante aquele dia. Era

uma viagem triste: os feridos amontoados em carretas, sem coberturas, sem poderem se mover; ouviam-se gemidos e lamentos a todo o momento. O frio intenso os castigava e a travessia dos arroios, lajeados e pedras faziam com que os cavalos caíssem a todo instante. Alguns feridos morreram nessa jornada. Às onze horas a coluna chegou à localidade de Tope, onde receberam a comunicação que o número de cadáveres deixados pelo inimigo na batalha do Pulador beirava oitocentos, não se sabendo ao certo, porque os corpos se confundiam com os dos federalistas. Por parte dos federais, as baixas foram contadas no total de duzentos e quatorze mortos e cinco feridos que ainda poderiam viver (DOURADO, 2011, p. 254). De Soledade os federalistas seguiram caminho pelo Jacuí em direção a Santa Maria, na região central do estado.

### **O fim de Gumerindo Saraiva**

A morte de Gumerindo Saraiva, ocorrido no lugar denominado planalto do Carovy, Rio Grande do Sul, foi assim descrito numa carta de Silva Martins ao almirante Saldanha da Gama, datada de 13 de setembro de 1894, de Buenos Ayres:

Morreu à toa, sem combate, indo ver uma guerrilha, travada por força que não era sua, por forças do Dinarte; foi ferido por bala no ventre e sobreviveu somente duas horas. É o que informa-me Prestes Guimarães. Apesar de não haver combate em Carovy, a morte de Gumerindo produziu uma verdadeira derrota. Prestes, que queria ficar na serra e só por condescendência desceu com Gumerindo, com a morte deste separou-se para tornar a Passo Fundo, onde havia deixado uma guarnição de 600 homens, que em sua maioria seguiam para a serra, emigrando elle com o seu estado-maior. Dinarte com sua gente, muito mal montada e mal armada, dividiu-se em 4 colunas, pela melhor escapar ao inimigo apetrechado de tudo, que o perseguia. (VILLALBA, 1897, p. LXXX).

Com a morte de Gumerindo, estabelecia-se o esvaziamento da revolução na medida em que esta perdia o seu maior expoente do campo de batalha. Seus próprios companheiros de luta, Prestes Guimarães e Dinarte Dorneles bateram em retirada para escapar da perseguição, não vislumbrando qualquer sucesso na empreitada de manter a revolução frente às más condições materiais que dispunham e a firme ofensiva dos batalhões Republicanos. Na versão republicana sobre a morte de Gumerindo, Carvalho (1895) transcreve o seguinte telegrama:

Cruz-Alta, 16. - Já transmitti telegramma do senador Pinheiro. Felicito

Republica pelo triumpho de nossas forças. Morte de Gumerindo é termo revolução. Agora transmitto o resumo da parte do tenente-coronel José Bento Porto do coronel Vargas, acerca do combate de 10: Dia 11, acampamento em Carovy, 1º regimento da activa e 1º da reserva travaram combate com as forças reunidas de Gumerindo, Dinarte e Prestes. Ficaram à frente da divisão começando o combate junto ao capão do Carovy. Veio forte carga de cavallaria de cerca de 500 homens, cousa horrivel, carga cerrada, berreiro infernal. [...] Dez minutos de fogo e o inimigo retirou, mas voltou de novo, vindo então Gumerindo na frente, com segunda carga mais compacta e feroz. Nesse momento um soldado da reserva, prisioneiro da Lapa, tomado por nós de Juca Tigre, conheceu Gumerindo e começou a fazer-lhe tiros de pontaria. Segunda carga foi rechaçada. Veio terceira, que chegou a trezentos metros de distância. Já anoitecia. [...] Gumerindo foi ferido no ventre e na perna, levado em carreta. Viva a República! José Gabriel. (CARVALHO, 1895, p. 264).

Nesse relato consta que um atirador reconheceu Gumerindo e por pontaria o alvejou, tendo-o ferido no ventre e na perna ao ponto de o enfermo necessitar ser levado em carreta, presumindo o seu mau estado causado pelos ferimentos do qual não resistiu e acabou por falecer. Ambas as versões convergem para o fato de Gumerindo ter sido ferido mortalmente no ventre e de que teria sido transportado por uma carreta considerando seu estado físico que impossibilitava de prosseguir em marcha por sua vontade. Isso antevia que o enfermo em breve faleceria, sendo o que efetivamente acabou ocorrendo. Villalba (1897, p. LXXX), por fim, descreve o desfecho final de Gumerindo Saraiva que conduzido na carreta foi enterrado no cemitério de Santo Antonio entre as localidades de “Itacorovy” e “Camaquan” sendo posteriormente seu cadáver encontrado pelo coronel Firmino de Paula o qual o exumou para ter certeza de tratar-se do corpo do chefe federalista. O Ato da exumação, pela narrativa, revestiu-se de delírio, alucinação e exaltação do espírito dos vencedores que não souberam refrear seus instintos animalescos, causando-lhe irrefletidos desatinos. Foram cenas de grotesca selvageria praticadas ao cadáver de tão expoente líder federalista, cuja descrição Villalba negava-se a fazê-lo dado o caráter brutal que se empregou.

Dessa forma passou para os anais da história a grande marcha de Gumerindo Saraiva que atravessou os três Estados do Sul do Brasil (Figura 2), traduzindo-se numa saga heroica e numa epopeia de sustentação dos ideais da Revolução Federalista, transformando seu protagonista no grande herói revolucionário federalista chamado de “Napoleão dos Pampas”, cuja memória e imaginário são cultivados no decorrer dos tempos.





Figura 2: A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul (VILLALBA, 1897)



**Referências Bibliográficas**

ARARIPE, Tristão de Alencar. **Guerra Civil no Rio Grande do Sul: memória acompanhada de documentos lida no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.** Porto Alegre. CORAG, 1986

CARVALHO, Pedro. **A Campanha do Coronel Santos Filho.** Porto Alegre. Oficinas Typográficas do Correio do Povo. 1897.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República.** 9ª ed. São Paulo. Editora UNESP, 2010.

DOURADO, Ângelo. **Voluntários do Martírio.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 2011.

ESCOBAR, Wenceslau. **Apontamentos para a história rio-grandense de 1893.** Porto Alegre: 2ª ed., 1920.

FAORO, Raymundo. **Os donos do Poder, formação do patronato político brasileiro.** 6.ed. Porto Alegre. Globo. 1984

FRANCO, Sérgio da Costa. **O Sentido histórico da Revolução de 1893.** in *Fundamentos da Cultura rio-grandense.* 5ª série. Porto Alegre: Faculdade de filosofia da UFRGS, 1962.

\_\_\_\_\_, Sérgio C. **A guerra civil de 1893.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

GUIMARÃES, Antônio Ferreira Prestes, **A revolução federalista em Cima da Serra.** Porto Alegre. Martins Livreiro. 1987.

JORNAL DO COMMERCIO. **Retrospecto político do Jornal do Commercio. America do Sul.** Rio de Janeiro. Typografia do Jornal do Commercio de Rodrigues & C. 1893.

MARTINS, Liana Bach; SILVA, Luís Antônio Costa da Silva; NEVES, Gervásio Rodrigues Neves (org.). **Pensamento político de Júlio de Castilhos/** - Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 2003. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/76646452/Pens-Amen-To-Politico-Julio-Castilhos>. Acessado em 11 jul. 2012.

MONTEIRO, Paulo. **Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo.** Passo Fundo. Berthier, 2006.

NASCIMENTO, Welci. **Maragatos e Pica-paus, por que brigaram tanto?** Disponível no formato eletrônico /e-BOOK. Literatura, história. -Passo Fundo: Pd Berthier, 1993. 30p.; il.; 21cm.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A revolução federalista.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul.** 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

SÊGA, Rafael Augustus, **Prova de Fogo Republicana**, Revista de História da Biblioteca Nacional, ed. 64, janeiro de 2011. Disponível em:<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/prova-de-fogo-republicana>> Acesso em: 26 de junho de 2011.

\_\_\_\_\_, História & Perspectivas, Uberlândia, (29 e30): 177-215, Jul./Dez. 2003/Jan./Jun. 2004. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/55561748/SEGA-FEDERALISTA-110-anos>. Acessado em 11 jul. 2012.

SENA, Davis R. de. O grande desafio brasileiro: guerra civil 1892/5. Rio de Janeiro: Ed. de autor, 1995.

[SILVEIRA MARTINS: discursos parlamentares / 1979 - Livros](#) - Brasil. **Silveira Martins**: discursos parlamentares. Brasília: Câmara dos Deputados, 1979. 486 p. (Perfis Parlamentares14)

VILLALBA, Epaminonda. **A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: LAEMMERTE & C<sup>a</sup> – Editores. 1897.

---

<sup>1</sup> “Napoleão dos Pampas”, alcunha que lhe conferiu o jornalista José do Patrocínio (ESCOBAR, 1920, p. 461).

<sup>2</sup> A filosofia positiva: A filosofia positiva de Comte nega que a explicação dos fenômenos naturais, assim como sociais, provenha de um só princípio. A visão positiva dos fatos abandona a consideração das *causas* dos fenômenos ([Deus](#) ou [natureza](#)) e pesquisa suas *leis*, vistas como relações abstratas e constantes entre fenômenos observáveis. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste\\_Comte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste_Comte). Acessado em 15 set. 2012.

<sup>3</sup> A degola do adversário se constituía pela retirada da vítima do meio onde se encontrava ou para fora do acampamento da coluna militar, amarravam suas mãos para traz, fixando a cabeça entre joelhos das pernas do algoz de modo que o pescoço ficasse à mostra expondo a jugular para ser seccionada por instrumento cortante (faca, punhal adaga, espadachim), configurando como ficou conhecida tal prática da “a gravata colorada” nas palavras de Reverbel (1985)

<sup>4</sup> Em carta data de 19 de março de 1893, enviado ao Mal. Floriano Peixoto Salgado demite-se no exército nacional. (VILLALBA, 1897, p. LXI)

<sup>5</sup> Oportuno destacar que esse fato atualmente é publicado na internet no sítio da Prefeitura Municipal da Lapa, postando, inclusive, a imagem de combatentes da época, como forma de promover o turismo e a cultura daquele município, dada a relevância do acontecimento: No dia 17 de janeiro de 1894 um batalhão de 639 homens formado por forças republicanas denominadas Pica-Paus, e chefiado pelo General Antônio Ernesto Gomes Carneiro, enfrentou bravamente as forças revolucionárias formadas por cerca de três mil combatentes vindos do Rio Grande do Sul, os Maragatos, membros do Exército Libertador, comandados por Gumercindo Saraiva. Cerca de 500 pessoas morreram no Cerco, entre as quais o General Carneiro. O conflito que culminou nas ruas da Lapa teve início no Rio Grande do Sul e se alastrou pelos três estados do Sul, chegando até o Rio de Janeiro, com objetivo de depor o Marechal Floriano Peixoto. A ação implicou na queda de Tijuca e Paranaguá e na tomada de Curitiba. A Lapa, último obstáculo para as forças contrárias à República, resistiu por 26 dias até assinar a Ata de Capitulação (rendição). A cidade

entrou para a história do Brasil pelo ato heróico de resistência que deu possibilidade para o Governo Federal desmantelar o movimento revolucionário sulista. FONTE: <http://www.lapa.pr.gov.br/cidade/cultura>, acessado em 19/8/2012, às 22:31 horas.